



Gaiato

Avenida

Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano V—N.º 126
Preço 1\$00

Redação, Administração e Propriedade — Casa do Gaiato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
25 de Dezembro de 1948

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

NOTÍCIAS DOS NOSSOS IRMÃOS

Eu passava e recebi recado para ir ao Barredo. Convite de um Pobre para visitar Pobres. Tomei nota do número da porta e disse que sim. Eu sou o recoveiro dos Pobres por misericórdia de Deus. Quizera regressar à vida que tinha e espero fazê-lo antes de entrar na velhice: Visitar Pobres! Quem merece?

Chegou a hora. Levei o Júlio na minha companhia. Parámos à beira da casa. Pelo número, era ali. Hesitei. Tratava-se de uma taberna. Ora a taberna nunca foi moradia. Enquanto espreito, vejo dentro o pai de um dos nossos Batatas. Era êle. Conhecia-o bem. Entrei. Loja funda. A profusão de luz, mostrava pipas de vinho e prateiras de iscas. Um homem ainda novo, atendia os freguezes.

Dirigi-me ao meu conhecido. Sim. Morava ali.

—Mas aqui é uma taberna!

—Sim. Moro aqui.

Eu olho em redor, meio desorientado. Júlio estava ali ao pé. Creanças, inúmeras crianças famintas, tristes e desgrenhadas, sobem e descem continuamente os degraus da escada que diz para os andares, o que muito mais me desorientava. Nisto, aparece a pessoa que ontem me solicitara a visita à família pobre. Antes que algo me dissesse, adiantei-me eu.

—Mas que é isto? Onde estou eu?

—Suba padre. Suba as escadas.

Subimos as escadas. Olhe, é ali. Uma alcôva interior. Uma rapariga deitada, cheia de febre, espera a sua hora. A mãe está ali. Sou carregona. Nisto oiço: *Al que eu desmaio*. Era o Júlio. O Júlio não suportava o ar pestilento. *Sai já d'aqui*. Júlio saiu. Ficámos nós três, mãe, filha, eu.

—Hospital?

—Não aceitam. Se não fôsse este homem, dormíamos na rua.

—Mas quem é este homem? Que casa é esta? Aonde estou eu?

Foi então que descobri a meada. Estava num hotel. Ali era um dos quartos. As creanças que subiam e desciam escadas, pertencem às famílias hospedadas. Um hotel. Perfeitamente lógico.

Comecei a ligar a vida nos hotéis que todos nós conhecemos e dá certo com a *destes* que eu não conhecia, —nem tu, leitor! Lá como cá, creanças, degraus, quartos, famílias, —tudo.

O pai do meu Batata, que não mais me perdeu de vista, espera por mim e quer em todo o modo que eu vá ver o seu quarto. E' no mesmo piso; no primeiro andar. *Pago sete escudos*.

—Por mês?

—Não. Por dia!

A mãe da moribunda, num quarto mais modesto, paga seis mil reis!

Seis escudos por dia. Todos pagam assim e têm de andar em dia...

Mais famílias nos andares cimeiros. Mais coisas que eu vi; outras que escutei. Tudo para calar e sofrer!

Venho-me embora.

Júlio esperava-me: *Eu la desmaiando*. Subimos de braço dado as ruas estreitas e sujas. O rapaz quer saber se eu não tinha dores de cabeça. Eu trazia dores comigo, sim. Uma dor. Dôr minha. Mas disse-lhe que não. Outra vez pergunta o Júlio se eu me não vou desinfectar. *Não se desinfecta?*

Estávamos agora no Mousinho da Silveira. Júlio despediu-se e eu fiquei sózinho. Não via nem ouvia ninguém e mais as ruas iam cheias. Cheinhas de gente.

Fiz contas. Tomei uma das quatro operações que em pequeno aprendi e com ela fiz esta descoberta: O proprietário de uma boa casa na Avenida da Boavista, com renda actual, recebe menos dos seus inquilinos do que dos seus hóspedes, o sublocatário do hotel. Vamos dizer mal dele? Não o faço eu. A mãe da moribunda que lhe dá seis escudos por dia, não o faz. Louva-o. *Se não fôsse este homem, morávamos na rua*.

Mas eu fiz mais contas. Como não via nem ouvia ninguém, fiz contas. El-las: Todas as famílias instaladas no hotel procuram com a sua habilidade e encontram actividades aonde buscar a renda: *Eu sou carregona*. Trabalham. São prestáveis. Mais. Uma das casas dos bairros que agora se fazem para uso e utilidade dos pobres, custa menos do que as taxas do hotel. E o Júlio não desmaia se lá entrasse!

Ora sendo as contas tão boas de fazer; estando os factos tanto à vista; dizendo-se por aí a cada passo que o ser humano é que é o valor e a riqueza; sendo as coisas assim, como não hão-de ser tortas as avenidas que se rasgam e mentirosas as grandes casas que se levantam, enquanto as não fizermos, pequeninas, a bem dos humildes que as esperam?! *Se não fosse este homem dormíamos na rua*. E este homem explora.

Assim se louva a iniquidade por nossa culpa!

Um donativo

Foi em Dezembro do ano de 1945. Foi em Dezembro do ano de 1946. Foi em Dezembro do ano de 1947. E' agora em Dezembro do ano de 1948. Cinquenta contos. Cinquenta contos misteriosos, depositados no Banco, em c/c da Casa do Gaiato das Ruas do Porto, todos os anos!

Não se trata de mortos. Não há tochas Não é uma herança. Heranças! Testamentos!

Anda agora uma notícia nos jornais por questões da Santa Casa do Porto. Eu leio e medito. E' tudo à volta de heranças e testamentos e testamenteiros! Não é do Evangelho. *Procurai o Reino de Deus e a sua justiça*. Isto é o Testamento. O Novo Testamento. O resto transborda.

E que dizer da suprema alegria deste Senhor (ou senhora) ao dar! Dar do que é seu. Dar agora. Pôr vinte mil almas a vibrar, que tantos são os leitores desta notícia; e vibrar também com elas. Quer dizer?!

Recebo hoje uma carta do P.º Adriano onde me diz que um Senhor de Lisboa fôra visitar o Tojal e rapa do porta moedas e despeja: vinte e dois contos. Assim sim. Isto é o cachão. O rubro, a alma do verbo dar.

O mundo novo tem de virar as costas ao velho e dar. Dar prá frente. Dar hoje.

A NOSSA TIPOGRAFIA

A lembrança d'aquela senhor das iniciais, tem dado um faiscão! Isto é que tem sido!! Não é só a notinha dos cem; é também e muito principalmente as falas quentes que as acompanham, a elas, notas. Todos se referem à *nostra tipografia* e nota-se, pelo trecho e entrecho, que o *nostra* é da pessoa que oferece; quer dizer, faz sua a tipografia.

Veio aqui um senhor de S. João da Madeira e disse: *Tenho de dar estes cem escudos*. E deixou-os sobre a mesa.

Mais o Zé Ninguém de Lisboa a dizer *eu pertenco aos 5.000 indicados pelo M. F. Aqui vão os meus 100\$00*. Meus, diz o Zé Ninguém. Não diz seus. Dá mas quer ficar com a posse. E' assim o coração. O M. F. disse que a tipografia tem de ser do coração de cinco mil assinantes. Mais 100\$ de Paços de Brandão. Mais 100\$ de S. João da Madeira. Mais de um senhor d'Oliveira de Frades, a tabela dos cem. Mais esta cartinha:

Quero ser um dos leitores que deseja contribuir com Esc. 100\$00, para a tipografia dos Gaiatos.

E a propósito quero-lhe contar, que bem cedo, aprendi o gosto de concorrer com os meus donativos para Obras de Caridade, e coisa curiosa, em lugar de me diminuir o dinheiro, Deus acrescenta-mo.

E assim, nunca deixo de concorrer com a minha ajuda, e Deus faz-me (ou tem-me feito ate agora) o mesmo.

E' o círculo vicioso...

O mais difficil, é a gente iniciar-se neste jogo...

Anónimo do Norte

Assina Anónimo do Norte este senhor de letra mui conhecida. Há um rôr de anos que eu a conheço. Começou por Miranda. Vim para Paço de Sousa e a letra veio também, sem, contudo, abandonar aquela casa. Todos os meses lá está a receita. Não tenho a certeza, mas parece-me que já chegou a Tojal.

Dito das nossas casas, dito de outros do mesmo naipe. Mas não é para dar esta notícia que a carta se dá aqui à estampa. Não é. E' para os que discutem o Evangelho. E' para os católicos que tiram d'Ele a sua moralsinha; sua deles, de sentido acomodaticio.

Mais de uma *devota da Imaculada Conceição* os cem da tabela para a lista dos cinco mil. Mais 1.220\$ do *mealheiro de nove filhos de uma Mãe Feliz*.

Mais 100\$ da Carapinheira do Campo. Mais 150\$ do Porto. Mais 100\$ de Coimbra por *aquela rapariga rica e bonita*. Mais um grito de Setubal — *eu quero ser dos cinco mil, com pena de não poder ser dos 500*. Mais do Cartaxo um que enfileira nos cinco mil. Mais dos Empregados da Secção de Registos Crédito Predial de Lisboa, — 200\$.

Mais o Pessoal da Vacuum de Lisboa com 100\$. Também eles querem ser do grupo. Mais cem não sei de onde nem de quem; um silencioso que caminha. Mais um Senhor do Porto que veio à nossa aldeia expressamente para se alistar. Fê-lo com 500\$00. E um soldado que vale por

Continua na 2.ª página

A nossa tipografia

Continuação da 1.ª página

cinco. Mais um da Lourinhã. Mais um de Casal-delto. A nota era das novas e muito perfumada. Avelino, que me abre o correio, passa-a pelo meu nariz: *olhe que cheirinho*. Eu acho isto uma grande falta de respeito do senhor director!

Mais um de Coimbra. Mais um de Olhalvo. Terras de que eu nunca ouvi falar! Eles vêm de toda a parte! Mais de Coimbra um dos valentes; este vale por dez homens. Fica na história... da tipografia. E há-de dar trabalhinho à gente, quando ela funcionar. Mais um da Murtosa com 50\$00; — meia ração. Mais de Serpa dois que alinham na coluna. Mais um *tripeiro* a marcar passo. Mais outro, e este vai mais longe; é despachante e oferece os seus trabalhos quando o maquinismo chegar. Por falar nisto, venho aqui rogar a um Senhor do Porto que tem uma empresa de transportes e me ofereceu o serviço gratuito de Leixões a Paço de Sousa; venho-lhe aqui rogar, digo, que me torne a escrever, pois tenho-me feito aqui velho a procurar a carta e não dou com ela. São os meus empregados; eles mais eu. Nós perdemos tudo! A carta era escrita à máquina. Tenha pena de mim e faça outra. Mais do Porto, com aplauso à sugestão dos 5000, uma nota de quinhentos escudos. Assina-se *De um feliz avô e Netinho*. Este *Netinho* vai levar o avô à glória, pelo que estou vendo. Ainda há dias falou. Agora torna a falar e despede-se até ao Natal... Se fala assim para aqui, é sinal de que também fala a outros. Lindas vistas tem este *Netinho*! Tantas coisas que o seu avô observa e sente, quando olha para ele!

Mais do Tramagal um enamorado de luz na mão: *Continue a queimar as gentes com o Gaiato*. Assina-se *Um irmão no Sacrdrio*. Mais outro de Lisboa. Mais outro de Monção. Mais de Lisboa. De Tomar e de Valença do Minho e do Porto, também falaram, um senhor de cada terra. O Senhor do Porto diz assim: *Esta contribuição suponha-a acessível a todos os assinantes; que todos se compenem da finalidade do auxilio*.

E' a voz do Porto. O Porto não espera que os mais façam. Faz. Mais um do E toril para a nossa tipografia. Mais um de Aveiro; é *uma*. Também vão mulheres na coluna dos 5000! Mais um combatente de Braga. Mais um de Peniche, a dizer que é *para um parafuso*. Mais do Porto uma que quer ter a *consoladela de formar na linha dos apaixonados*. Mais dois do Porto que se apresentaram ao Júlio, em plena rua e mais um outro, que fez o mesmo a um dos vendedores, — todos são dos cinco mil. Mais de Ficalho; é *Uma*.

Venda do nosso jornal

Uma carta vinha a chamar-lhe *O Breviário Quinzenal*. Outra, vinha a dizer que não se lhe pode chamar *nosso* pois que não havendo dinheiro que o pague, ninguém o pode fazer seu. E mais coisas lindas se dizem e escrevem do famoso. Elogios e catanadas, porque de tudo recebemos; tudo concorre para o engrandecimento da Obra.

De Tavira, aonde o nosso Documentário nunca foi, recebemos uma grande lista de assinantes certos. De Cantanhede, onde foi o Documentário, — idem. De todas as terras, todos os dias, cartas a instar. Bendito seja o Senhor Deus de Israel! Aproveite ao Senhor Deus, servir se no mundo de coisas e pessoas insignificantes, para confusão das importantes.

Da venda no Porto e Braga não se fala! O número derradeiro, andou à beira dos trez mil. Trez mil vendidos por *Xanxaxé* e companhia. Um que se tem atirado é o *Fominhas*. Ele chama se Delfim Ferreira, pelo que mereceu o nome de capitalista, e assim é conhecido pelos dos nossos que já conhecem mundo: *O nosso capitalista* lhe chamam eles.

Pois o *Fominhas* foi dar à alfandega e ali despachou um rôr d'eles. O pior é que já o descobriram e ameaçaram-no: *Nós havemos de te roubar a alfandega*.

Roubar a alfandega! Já assim foi com os Correios. O Cete queria roubar os correios ó Abell! Roubar os correios! Lugares de grandes receitas do Estado, e agora nos Correios é que é! Lugares de receitas sim. Lugares de muitos dinheiros, sim, e o verbo roubar ao pé! Ando cheio de medo.

Crónica do Lar do Porto

Esta, como sabem certamente, é uma das Casas do Galato que serve de Lar a uma vintena de rapazes que a rua perverteu e que depois de estagiarem em Paço de Sousa ou em Miranda deram provas capazes para poderem ser empregados no comércio ou na indústria da Invicta.

E de facto estão empregados e alguns nas casas melhores que a cidade possui. Melhores, quere dizer, nas que asseguram a todos nós gaiatos não só o progresso profissional mas também o nosso aperfeiçoamento moral. Como daqui se depreende, esta pequena comunidade da Obra da Rua é uma das suas pedras basilares, porque daqui sairão, amanhã, verdadeiros homens, desempenhando relevantes cargos nas mais variadas actividades, os quais dignificarão pela sua vida fora o bom nome da Obra que os amparou na idade em que mais disso necessitavam. E é fácil compreender que assim garantirão a outros desprotegidos da sorte um lugar onde possam reabilitar-se, afim de serem homens fieis a Deus e à Pátria. Dito isto após tanto tempo de ausência nas colunas do Famoso é realmente ocasião propícia para lembrar à massa anónima dos inúmeros amigos do Galato, que as portas do Lar se encontram abertas aos corações generosos dos portuenses, que na sua maioria apenas conhecem de nome e não «de visu», esta ramificação da Obra da Rua, que existe no velho burgo tripeiro, na Rua D. João IV, 682.

JÚLIO

Peditórios

Continuamos a dar notícias deles. Não disse ainda, mas digo agora, que a bilheteira de Aveiro, rendeu oito contos a passar. A seguir vem a Murtosa. Sim à Murtosa e levei comigo o Documentário da Aldeia. Sete contos redondinhos. Nota curiosa: Os Vicentinos da Murtosa, é que me convidaram e que trabalharam para encher a casa de espectáculos, com aquele magnifico resultado. Não sei quem são os Vicentinos da Murtosa; sei que fizeram o que ninguém faz ou poucos fazem. Sendo eles oficiais do mesmo officio, são amigos! São meus amigos. Podiam formar côro e entrar na voz corrente: *nós também cá temos os nossos*. Podiam ter dito e feito assim. Mas não. Abriram as veias. Deram uma hora espiritual ao povo da sua terra. E receberam para os seus Pobres, na medida em que deram para os meus. Deus faz bem a quem faz bem.

Outro peditório que tenho a comunicar, foi o que se fez na ampla e magnifica igreja da Lapa, em o dia 5 de Dezembro: — à roda de oito contos. Missa das dez. Missa das onze. Missa de zero horas. Gosto de ser actual; zero horas. Como quase sempre acontece em todas, também nesta houve seus episódios. Foi o Teles que me contou. Uma mulher tira duas notas de vinte escudos de dentro de uma cautela de penhores, e faz entrega delas. O rapaz disse que era um *bilhete do prégo*. Ele conhece. Todos os rapazes da Obra da Rua conhecem!... De forma que podemos supôr de aquela mulher ter deitado na saca, o dinheiro do resgate de um seu artigo. Tirou da bôca para dar. *Era um bilhete do prégo*. Ai dos pobres se não fossem os pobres!

Eu dizia do altar para baixo coisas estranhas, a que os ouvidos dos fieis não andam afeitos. Palavras ousadas e escandalosas. *De saca na mão, sim, mas não a pedir esmola. Os meus filhos vão lembrar uma abrigação*. E os rapazes largaram de ao pé de mim pela igreja abaixo.

Eles eram naquele momento, no meio de centenas de corações, os mensageiros de verdades eternas. Uma obrigação. *Uma dívida*, como ensina a leiteira dos arredores do Porto, — e paga mais do que pode! E é tal a força desta verdade que sendo costume colher 70\$00 na missa das dez e 120\$00 na missa das onze e 300\$00 na missa das doze; tal a força digo, que o mesmo auditório, tocado e convencido, deu 1.300\$00 e 2.400\$00 e 4.200\$00. E é mesmo possível que em virtude destas palavras duras, prégadas nos altares, possam vir a tornar-se cristãos, alguns de entre as massas católicas que enchem as igrejas; pode ser...

Visado pela Comissão de Censura

Falsos mendigos

Os jornais d'hoje, faziam larga reportagem de um caso de falsa mendicidade, no Porto, tendo a Polícia encontrado na casa de um falso mendigo dinheiros e oiro e uma caderneta do Banco, tudo a passar de 40 contos. Casos assim, são muito falados, mas ele há muitos mais em franca existência, desconhecidos e alimentados por nós outros. Sim, por nós. Aquele oiro, aqueles dinheiros, aquela avareza, tudo aquilo é obra nossa.

Aqui nas redondezas, há cinco concelhos de pouca superfície e intensa população, com suas feiras mensais. Eu digo o nome deles: Penafiel. Paredes, Paços de Ferreira, Freamunde e Lousada. E dentro de algum deles, há também lugares aonde se realizam outras feiras.

De sorte que, a bem dizer, temos por aqui em cada dia sua feira. A' entrada delas e nas bermas das estradas, veem-se os mendigos com seus aleijões, suas feridas, suas lamurias. São magotes. São caravanas. Como são muitas as feiras e curtas as distâncias, eu fiz uma exploraçãozinha no *Morris* e descobri que são os *mesmos* pobres a fazer as mesmas feiras; e é igualmente o mesmo povo a concorrer para o alimento e aumento da miséria. Nenhum *pobre* dos que eu topel, precisa. As pustulas são falsas ou exageradas. As cantilenas, mentirosas. As creanças não lhes pertencem. A maior parte é gente nova e válida. São feirantes. Simplesmente feirantes. De muitas maneiras e por muitos títulos se vão aos mercados destas vilas e lugares; porém, a mira é cada um em seu negócio. Pois eles também. Estes chamados pobres, vão às feiras negociar. Muitos deles conversam, escolhem terrados, fazem sociedades, dividem os lucros. São feirantes. Se falam, mentem. Se rezam, muito mais. Se exibem chagas, oh mentira! E' uma praga. Praga consentida, procurada; o povo chama por ela. O nosso povo gosta, anima, encoraja esta praga social: *Tome lá. Aqui tem*. E isto é tão multiplicado e sordidamente guardado, que ocasiona agora e logo a interferência da Polícia. Ora a esmola é um dom de Deus. Faz bem a quem dá e faz bem a quem a recebe. Nunca a força pode ser chamada para dirimir o Bem, — nunca. Logo, temos que estes feirantes são falsos e falsificam as chamadas esmolos que o povo lhes dá.

Como proceder? Educar o povo. Educar os senhores mal-las senhoras. Plantar-lhes no animo uma santa repugnancia e a fortaleza de resistir a esta classe de *pobres*, sem respeito por ninguém. Esteja quem estiver, digam o que disserem; seja como fôr. Não se dá e acabou.

Resultado? Esta classe de *pobres* desapareceria dentro de pouco tempo. Tinha naturalmente de desaparecer por falta de clima. Tomariam outras iniciativas, pelos seus próprios meios e forças.

Era a limpeza. Era o decôro social.

Nem chagas postiças, nem creanças alugadas, nem aleijões explorados.

Não continuaríamos nós outros a ser participantes neste Mal e ficaríamos com espaço aberto para tratar do Pobre. O Pobre envergonhado e verdadeiramente necessitado.

A esmola vicentina. A riqueza inenarrável da visita ao domicílio, aonde tudo fala verdade. Nunca nos hão-de faltar Pobres. Não é preciso fazer Miseráveis.

Notícias da Conferência

Depois dum pequeno interregno vimos novamente dar notícias da Conferência Vicentina do Lar do Porto. Actualmente visitamos quatro pobres e distribuimos 10\$00 semanais a cada. A nossa cobrança que estava bastante atrasada está já toda em ordem. Pelo bom acolhimento que todos nos dispensaram, muito e muito obrigados. Todos os anos pelo Natal costumamos dar aos nossos pobresinhos um bôdo. Ora este ano temos de dar também. Para isso contamos como de costume com a vossa generosidade. Os nossos pobresinhos precisam de tudo, mas essencialmente de roupas de cama. Estamos no inverno e faz bastante frio. Como todos sabem a nossa Conferência vive essencialmente dos subscretores. Ora nós já temos bastantes, mas precisamos de muitos mais. Agradecemos desde já todos os donativos.

ANTÓNIO

Isto é a Casa do Gaiato

ANDO alarmado. Não me responsabilizo pela boa marcha na expedição do famoso. Não me responsabilizo. E' o pião!

Eu tinha feito o propósito de não falar este ano em piões, avisado como ando dos mais anos, mas não sei como apareceu na rouparia uma caixa deles, e o mal foi ter saído um de lá... Já andam todos em uso! Faniqueiras, também foram desenterradas não sei de onde!

Se fosse obra dos mais pequenos, estava tudo muito bem e muito a propósito. O pior são os grandes. Os grandes sucumbiram! Cada um tem o seu pião mai-la faniqueira! Mas ainda há pior: os da redacção. Até aqui, faziam cerimónia. Agora não. Encheu a maré.

—Oh Avelino!

—E' o pião!

O Avelino. O Cete. O Armando. O Alfredo. Os grandes da nossa aldeia.

—E' o pião!

Manhãzinha, aí vem eles todos das suas casas, cada grupo da sua, ocupados a enrolar a baraca. Passam à minha beira. Fazem uma grande roda a botar o pião: *ora veja como o meu canta*. E eu oiço o pião a cantar. Dali, seguem em massa para o refeitório, e enquanto os cozinheiros não mandam tocar, tocam eles os piões. *Olha o meu!*

EU chegava de fora e fui imediatamente abordado por alguns dos cicerones, os melhores, os quais tinham andado ocupados naquela formosa tarde de outono, a mostrar a nossa casa a dois grupos de visitantes: *aquilo é que eram espadas*.

O sol de outono, deve ter emprestado aos visitantes uma grande soma de riqueza, e dado muita formosura às cores da nossa aldeia!

O Presidente, era o cicerone mais inflamado. *Eu mostrei tudo*. E declara que os senhores eram ingleses. O Faisca disse que não; que eram mas é franceses. O Zé d'Arouca, que também era do grupo, esse, limitou-se a informar que ninguém entendia os senhores quando eles falavam.

Ao grupo dos cicerones, juntaram-se mais rapazes. Isto foi à noite, depois do terço na capela e imediatamente antes da ceia. Era considerada hora de recreio. Outros, pois, se juntaram à conversa.

O Melgaço quis saber do Presidente se ele tinha mostrado os bois aos senhores. Não senhor. O Presidente não mostrou os bois.

Pois então não viram nada, diz o rapaz. Ele é dos da turma da erva. Ele é dos que pensa o gado. Visitante que ele apanhe aos domingos, não o deixa ir embora sem o levar aos estabulos. Nem sol de outono, nem beleza das casas, nem trabalho das oficinas, nem as pombas, nem os passarinhos do aviário, nem o Príncipe, — nada. Não viram os bois? *Pois então não viram nada!*

Isto chama-se amor à obrigação. Se o João Maria fosse vivo, diria o mesmo das suas capoeiras. Visitante que lhe passasse pelas mãos, tinha de ir vêr as capoeiras, e também as galinhas: *olhe que gordas!*

Mas as coisas não ficam por aqui. Presidente informa que tinha levado ao meu quarto, uma grande mala de roupas. *Grande malão*. Superlativo reforçado. E é verdade. O Presidente disse bem.

Eram quarenta e oito peças de malha feitas à mão, como dizia na carta; cada uma de seu tamanho, de sua cor e de seu feitio, como convém à liberdade de quem ama. Por isso mesmo é que a mala era um *grande malão*. Disse bem o Presidente.

CHEGOU agora o Armando do Porto, aonde fôra levar cinco rapazes à análise do sangue num sítio e exame aos pulmões noutro sítio. O Armando é o actual enfermeiro da nossa casa. E' um dos muitos que cá veem ter pelo seu pé. Ora muito bem.

Armando deu contas do dinheiro que levou: *Comboio, electrico, castanhas, regueifa*. E também assentou no ról: *O Sr. Dr. João Gaspar deu dez mil réis para castanhas*.

Dois consolações: a fidelidade do enfermeiro. A lembrança do Dr. João Gaspar. Aqui castanhas. Aonde o sangue é examinado, café docinho e quentinho. Viva o Porto.

SEGUIA eu hoje de manhãzinha dos meus aposentos para a Capela, e ao passar no refeitório dos *Batatas* sai-me ao encontro o refeiteiro deles, que mora na casa I, a queixar-se do

chefe. O chefe não o deixa sair um bocadinho mais cedo, e segue-se que os *Batatas* chegam da sua casa antes do pequeno almoço estar servido. Resultado: Grande chilreada. Tremenda chilreada. E' o comer. O comersinho.

Ora eu dirigi-me ao chefe da casa I. Este é o *Santa*. O *Santa* da lenha. Não confundir com o *Santa da pedra*, que está actualmente numa oficina, no Porto. O *Santa* ouviu-me e deu as suas razões. Não o deixa sair mais cedo como ele lhe pede, porquanto, uma vez que assim aconteceu, em vez de ir para a Casa-mãe atender a sua obrigação, foi jogar a bola para o campo. E pronto. O *Santa* dá esta informação, inteligente e consciente, e trata da sua vida. *Não lhe dou licença*.

O refeiteiro é o *Figados*, que agora mudou de nome, por se ter tornado muito assanhado. Por nada, vai às do cabo. Chama-se *Mau tempo*. E' o *Mau tempo*. Pois o Barros, que é este o seu verdadeiro nome, à noite, preside à ceia dos seus *Batatas* e vai acompanhar e deitar os vinte e cinco pequeninos, na casa deles. A boa ordem exige que ele o faça e venha tomar a ceia no refeitório geral, à hora do costume. Mas Barros falta. Não aparece a horas. Foi-se ver. Estava na casa dos pequenos. Tinha deitado um por um. Devia apagar a luz e fazer silêncio para que adormecessem, em vez do que, desata mas é a jogar o pião. Resultado: Os miudos não fecham os olhos. O Pombinha tinha-se, até, levantado e também jogava! Barros não comparece a tempo no refeitório dos grandes. O Chefe dos grandes, zanga-se. Barros refila; ele é o *Mau tempo*. Que fazer? Nada. E' a nossa ordem.

O *Faisca* é uma das estrelas da aldeia. *Faisca*, negociou hoje o pequeno almoço por um pião. Contrato bilateral. Ele é o Manuel de Anadia. Ambos cumpriram. Entrega o prato das papas, mete o pião na algebeira, e vai-me ajudar à missa. *Faisca* é um dos meus ajudantes de missa.

Correu logo a notícia do negócio. O cozinheiro soube. *Faisca*, sai da capela, e dirige-se imediatamente à cozinha, pelo seu pequeno almoço. *Dá-me as papas*, diz ele ao cozinheiro.

Vai jogar o pião, responde o cozinheiro.

E' tudo exacto. E' tudo contrutivo. E tudo silencioso. *Faisca* compreendeu e foi-se embora sem comer.

ONTREM houve aqui um tribunal de certa importancia. Trata-se de comer. As grandes questões que no mundo se levantam, saem da boca, e é por ela que o peixe morre.

Ora vamos ao caso: Os do campo, saíram de madrugada para o monte Calves, talhar mato. Ao meio dia, mandou-se lhes o jantar, em cujo cesto também ia a merenda; — postas de bacalhau.

Cozinheiro, deputou três rapazes para conduzir o repasto; foram eles Gastão, Agostinho e Requeixeque. A' noite chegam os rapazes do mato, com um grande carro dele. Daniel põe a queixa: a comida tinha chegado muito tarde ao monte e o bacalhau não chegou para todos.

Formou-se o tribunal. Daniel acusa. Os três emudecem. Daniel ataca: *O bacalhau não chegou para todos*.

O Cozinheiro foi chamado e declara ali na presença de todos, que tinha posto tantas postas de-le como de cabeças. Testemunha decisiva. Quanto a esta parte, estava o tribunal feito. Saiu de casa bacalhau suficiente. Agora só os três. Estão os três em perigo. Começam eles a falar. *Requeixeque* é o mais atacado.

Este defende-se. Defende-se mentindo, que esta é a maneira como as Maiorias se defendem. *O cozinheiro disse-me que também ia no cesto bacalhau para mim*. O tribunal ouve a declaração. O rapaz segura a mentira.

Chama-se o cozinheiro. O nosso cozinheiro é de muito poucas falas. Ouviu o rapaz e responde: *Mentes*.

Requeixeque segura-se. Os mentirosos não caem às primeiras. O tribunal aquece. Os rapazes do fundo, empoleiraram-se nos bancos, mais pequenos, sobem às mezas. E' hora de grandes sensações. Gastão e Agostinho e *Requeixeque* estão no meio. Acabaram por se zangar. Zangaram-se e o resto já se sabe...

Os expoliados, fizeram justiça. Na próxima saída ao mato, *Requeixeque* há-de ir novamente com o cesto do jantar e da merenda dos trabalhadores. A merenda há-de ser outra vez bacalhau. Vamos a vêr...

ISTO agora de colheres vai muito ditinho. Os dois refeiteiros tomam conta delas e à noite, contam-nas. O Miguel, tem a sua guarda 55 e o Norberto mais dez. Ontem, faltou uma ó Norberto. Pergunta. Buscas.

Falta aqui uma colher, dizia. Nor-

berto, imponente e imperioso. *Práqui a colher*. Descobriu-se. Estava no bolso do *Zé da Cidreira*. Descobriu-se a colher, sim, mas o motivo que o levou a escondê-la, isso é que não ficou bem esclarecido. Eu cá tenho para mim que se trata de comer. O *Zé da Cidreira* tinha em vistas qualquer rapadela e preveniu-se. Não lhe leve isso a mal.

O *Faisca* tem Mãe. E' do concelho do Marco de Canavezes. Como o Natal se fôsse aproximando, eu chamei-o, disse-lhe o que iam ser as nossas festas: missa da meia noite, foguetes, arrôdoce, perfi. O pequeno ouvia. Quando eu o vi cheio das notícias da nossa festa, atirei-lhe a pergunta:

—Queres ir à tua mãe ou ficar na nossa festa?

—Quero ir à minha mãe.

—Mas a tua mãe não tem nada que te dar.

—Pois não, mas você sempre me há-de dar alguma coisinha.

Estes sentimentos são naturais em toda a alma bem formada. Amor, Confiança. O *Faisca* comunga de vez em quando; tem necessariamente de amar e confiar. Eu deleito-me de o vêr comungar. E' assim: vai por si mesmo e aonde lhe apraz em busca de um sacerdote. No dia seguinte, à hora da missa e no momento em que eu me dirijo da sacristia para o altar, *Faisca*, sem nada dizer, entrega-me a chave do sacriário. E' ele quem abre a porta do sacriário. E dá-me as chaves a mim! Não me diz nada. Não pede nada. A porta já está aberta antes de eu a abrir!... Soberbo. Simplesmente soberbo!

E algo de grande houve este ano na nossa terra, pela festa do Natal: Um rapaz dos caminhos que abre a porta dos sacriários sem cair em penas da Igreja, foi passar o natal com sua mãe muito pobre, numa casa muito pobre, ambos muito quentinhos... Isto é a Casa do Gaiato.

A governante da casa, senhora muito acautelada, fechou a sete chaves um saco de deliciosas castanhas e veio-me dizer o que tinha feito, muito contente: *Estão no armário grande. Alninguem mexe. Tenho aqui as chaves*.

Eu ouvi e calei-me. Daí a nada, grande celeuma na cozinha; tudo comia castanhas! Cozinheiros e ajudantes, comiam castanhas. A senhora fechou as portas do armário e não fez o mesmo às gavetas. O Pintarôcho foi à dispensa, tirar uma gaveta e com ela as castanhas que muito bem quis. Comeu, deu a comer e no fim de tudo, comunicou à senhora...

Ela tem de aprender, assim como eu também aprendi. Aqui em casa os mestres são eles; os rapazes. Exemplo: as sacas da escola. Há meninos que a não largam todo o santo dia. Deitam-nas às costas de manhãzinha e só a tiram à noite. Todo o dia e a todos os actos com a saca às costas. Porquê? E' a cautela. São acautelados... Eles puzeram a tranca antes que venham os ladrões... Que a senhora governante aprenda, se não quer que eles lhe façam ninhos atrás da orelha...!

FOI hoje. Eu disse ao Barros, o chefe dos vendedores, que desse recado aos do grupo para seguirem no primeiro comboio. Este é às 8,30 na estação de Cete. Barros disse que sim, mas pôe imediatamente a questão do almoço. Sim, temos de comer antes da partida, porque a senhora do Porto não nos dá de comer quando eles lá chegam. Que já assim tem acontecido e que eles andam por lá sem comer até às 2 horas da tarde. O rapaz toma atitudes e gestos decisivos, e quer saber: *Comemos aqui ou comemos lá?*

Eu deixei a pergunta do angustiado em suspenso e fui para o meu destino. Eu ia para a capela, quando o topei, e segui o meu caminho depois de lhe falar. Era noiteinha. A candeia de azeite que faz a lampada, empresta beleza e convida a orar.

Mal tomei posição, quando o Barros entra e acende a luz. Era o comer. O problema do almoço no dia seguinte: *Olhe que a senhora do Porto não nos dá almoço*.

A minha oração foi interrompida por uma justa petição: Comer! Eu nunca devia ter ido para a capela, sem ter resolvido o problema com a governanta. Resolveu-se. No dia seguinte, manhãzinha, entra o grupo na sacristia, Barros à frente. Estavam todos a mastigar. Muito contentes. Foi leite. Outros, mostravam as mãos cheias de borda: *Olhe*. O Barros vencera.

CRONICA DA NOSSA ALDEIA

1 Foi na terça-feira que o Pai Américo nos trouxe a noticia de que já se tinham dado os primeiros vinte contos para a nossa tipografia.

Só em Janeiro é que ela cá está e o pior é que ainda faltam quatrocentos e oitenta contos. Nós pouco a pouco lá vamos. O que nós precisamos é da boa disposição dos nossos assinantes e dos queridos ouvintes que vão ouvir o Pai Américo às Igrejas do Porto.

E' para a tipografia que o Pai Américo anda a pedir. Ainda estão perto de dois mil assinantes no cemitério ao canto da Administração.

2 O nosso grupo de Futebol não tem bola de câmara para nós jogarmos a bola com grupos que cá nos vem visitar.

Nós apresentamos uma bola que os nossos sapateiros já a coseram mais de mil vezes, e quando se vai à escola de campo a nossa é sempre posta de parte porque é como eu digo, está cosida mais de mil vezes. E com isto termino e os senhores devem perceber o que eu quero dizer, e com isto quero dizer que precisamos de uma bola de futebol.

3 Nasceu mais uma vitelinha. E todos dizem que é a mais bonita de todas quantas nasceram na nossa aldeia.

Ela é toda bonita.

E' amarela e branca e os rapazes andam todos contentes.

4 As nossas oficinas estão a progredir bastante. A oficina de ferreiro está trabalhando para fora para um senhor da freguesia e ao fim da semana lá vai o ferreiro receber. Os alfaiates na mesma e ainda agora mandamos obra pelo correio. A de carpinteiro está fazendo uma obra para o Senhor Abade também da freguesia. A de sapateiro é a que tira mais dinheiro e a mais só trabalha para a Casa e os que ganham dão sempre o que o sapateiro pede. O sapateiro é que entrega mais dinheiro. Está também o tear à espera de um tecelão mestre que empregados não faltam.

Quando estiver a nossa tipografia isso sim. Quem tiver trabalhinho para as nossas oficinas que mande que nós temos bons mestres. E' só mandar pelo correio em encomenda e é devolvido igualmente.

5 São precisos mais selos para as nossas colecções. Quem tiver selos é mandar para nós que nós temos uma colecção muito pequena. O Avelino já tem uma colecção bem boa mas o pior é que ainda somos mais dois a coleccionar. Nós não temos albuns e isso também precisamos muito.